



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 11 de Dezembro de 1982 * Ano XXXIX — N.º 1011 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Setúbal

A descansar, uns dias, em Fátima, vim assistir ao final do Retiro das Senhoras da Obra da Rua — da nossa Obra.

Um grupo de catorze mulheres — que nas diversas Casas são mães de família, queimadas, continuamente, por uma maternidade infundável, sem menopausa nem compensação de netos — reflectiam no magnífico chamamento que Jesus lhes fez de O servirem na doação total das suas vidas, às crianças e aos rapazes sem mãe, nas Casas do Gaiato e nos doentes do Calvário.

No último apontamento que fiz, aqui, a propósito da Madre Teresa de Calcutá, a Setúbal, afirmei que Jesus é sempre, e somente a Revelação do Amor de Deus aos Pobres.

Daqui a Paixão irreprimível de todas as «mães» — mães — que amam a Cristo: manifestar aos homens «as incompreensíveis riquezas de Jesus» através dos mais caídos.

A maternidade, como a paternidade fazem parte essencial do crescimento equilibrado da mulher e do homem.

O desenvolvimento da fé e da vida interior de cada um não pode fazer excepção. É sintomática a infantilidade afectiva que tenho presenciado em várias religiosas mani-

festando a sua ternura à imagem do menino Jesus, cobrindo-a de beijos e apertando-a muito contra o seu peito — tal como as meninas de quatro ou cinco anos acariciando as suas bonecas!...

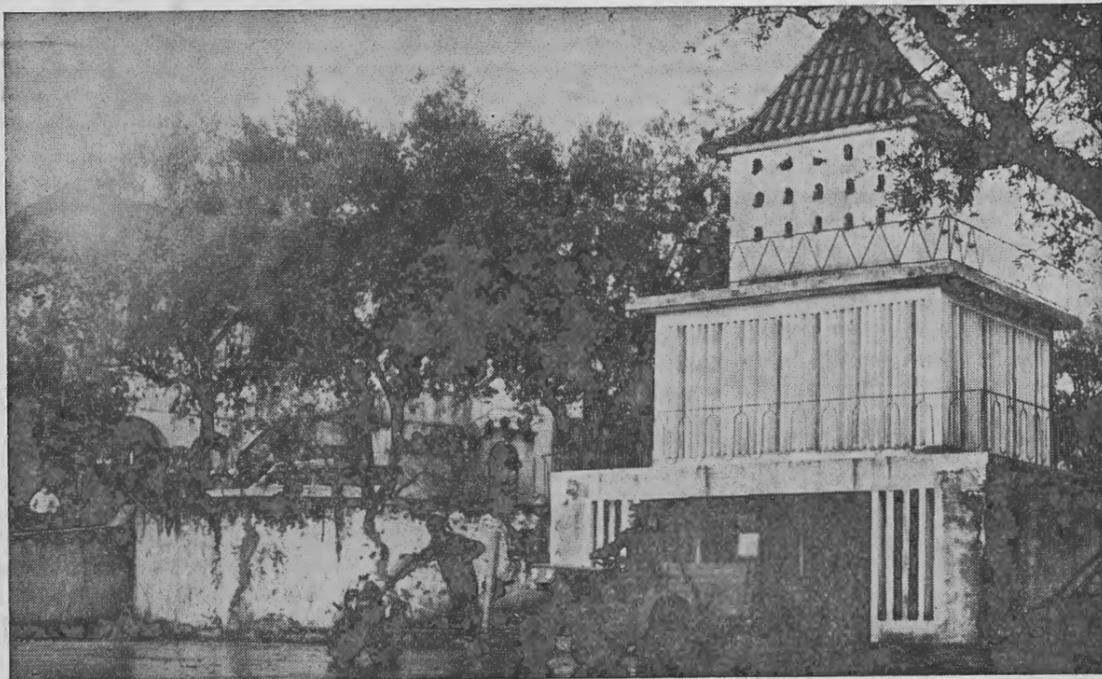
O que afirmo da imagem do menino-Deus, passa-se infelizmente, também, em muita gente, com as realidades misteriosas da fé, como a Eucaristia — Presença Viva e Real de Jesus Ressuscitado em comunhão actual com todas as misérias humanas.

A fé vive-se equilibradamente no mundo dos homens. Tal como Jesus: Fez-Se Homem. Viveu a vida simples e difícil do Seu tempo.

Viver de abstracções, tantas vezes criadas à própria imagem pessoal e reconduzir essas criações — o que é sempre fácil — à categoria de divindades, dando-lhes mesmo o nome de pessoas divinas, esvaía a fé de todo o valor salvífico; instala as pessoas em metas de auto-consolação religiosa asfixiando todo o apelo do Espírito, e diminuindo o horizonte evangélico redu-las a religiosas da religião.

O amor da pobreza nos Pobres que a comportam e suportam é o único caminho que

Cont. na 2.ª página



Se métodos actuais permitem produzir mais e melhor em menos tempo, é razoável que disso se tire partido em favor do enriquecimento pessoal do indivíduo e das comunidades.

Tempos livres

Longa e inesperada espera por uma entrevista que resultou palavrosa e vã, foi-me oportunidade de leitura sobre o problema dos tempos livres. Tanto no que respeita a adultos como a adolescentes e crianças, ele é preocupação em toda a Europa (o texto incidia ape-

nas sobre o velho Continente); e parece que ainda ninguém lhe encontrou solução satisfatória.

O encurtamento da semana de trabalho (reivindicação generalizada dos que se dizem trabalhadores) tem razão de ser na conveniência do homem se encontrar consigo próprio e com a família, supostas cumpridas eficazmente as tarefas que a cada um cabem. Pois se métodos actuais permitem produzir mais e melhor em menos tempo, é razoável que disso se tire partido em favor do enriquecimento pessoal do indivíduo e das comunidades. Só que tal exige que os tempos de trabalho sejam escrupulosamente vividos, que se tenha a obra a realizar como algo que é para fazer e não para ir fazendo; e se conclua no prazo possível — portanto o justo — o empreendimento em mãos. Quer dizer: é necessário que haja consciência; que os trabalhadores a todos os níveis o sejam na verdade e não apenas se intitulem tais.

Infelizmente não é o que se vê com frequência em repartições, escritórios, oficinas, até no comércio. Antes se constata que a produtividade maior dos sistemas e instrumentos de trabalho corresponde maior im-

produktividade dos agentes, do que resulta a anulação dos benefícios daqueles e um agravamento de custos que vai pesar sobre toda uma comunidade que, hoje, transcende as fronteiras das nações. Note-se, por exemplo, o recurso, cada vez mais comum, a horas extraordinárias que, em verdade, quase sempre seriam dispensáveis se se tomasse a sério o dever social de produzir nos tempos normais de trabalho. Assim não temos, logo à partida, um sintoma de vontade de crescimento pessoal, impossível sem a base de uma consciência esclarecida e sã a fundamentar a pretensão de mais longos tempos livres. Por outro lado é preciso que estejam sempre diante dos olhos as metas apontadas como justificação do encurtamento dos períodos de trabalho e se procure avançar para elas de boa-fé. Uma delas é a possibilidade de uma convivência humana mais demorada e enriquecedora, a começar no seio das famílias. Para isso é necessário que se faça esforço decidido para que nas famílias haja relações vivas, verdadeira intimidade entre os seus membros e se obste à distanciação crescente que aparece como tendência generalizada.

Cont. na 3.ª página

Cont. na 3.ª página

AQUI, LISBOA!

«Senhor do Céu, Justo Juiz dos vivos e dos mortos! Como é possível que todos nós sejamos tão ignorantes! Falamos tanto e não dizemos nada!» (Pai Américo)

Estamos, na verdade, numa época muito palavrosa. Nas praças públicas, nos locais de trabalho, através dos meios de comunicação social, de maneira formal ou informal, multiplicam-se em «chorrilho» as expressões orais ou escritas. Reuniões dos mais variados tipos, seminários, etc., às vezes com títulos estrangeiros para ninguém perceber do que se trata, são o pão-nosso-de-cada-dia. Conferências, declarações e não sabemos que mais são uma constante da vida quotidiana.

Longe de nós querermos coarctar a liberdade de expressão das pessoas, mesmo até de disparatarem a seu belo prazer. Ao fim e ao cabo, porém, fica-nos a ideia, salvo o devido respeito, de que, em muitos casos, falamos ou escrevemos sem dizermos nada de útil ou construtivo, antes pelo contrário. É que os problemas equacionados, quando o chegamos mesmo a ser, continuam por resolver e, não raro, o snobismo ou a demagogia são espectáculos comuns. A época, sem dúvida, é de inflação!

Confrange-nos, por outro lado, a incontinência verbal de muita gente, sem preparação ou capacidade. Fala-se de tudo, percebe-se de tudo, mas, não raro, manifesta-se a mais crassa ignorância. Tanto se aborda finanças ou economia como se discute política ou sociologia; a mesma pessoa emite os juízos técnicos mais diversificados como se pronuncia sobre as ciências ou as artes mais dispares. Dir-se-ia estarmos numa época de enciclopédicos ou iluminados, à margem de qualquer preparação adequada.

Os slogans são tantos e tão variados, utilizando cha-

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

BAPTIZADO — Realizou-se na Capela da nossa Aldeia mais um baptizado. Foi o da Vera Mónica, filha do Joaquim Manuel e da Celeste — cuja gravura publicaremos na próxima edição de O GAIATO.

A Vera Mónica está, assim, unida através do Baptismo a todos nós, dado ser o sacramento pelo qual Jesus nos torna membros da Família dos filhos de Deus.

É mais uma neta da Obra da Rua, que nos alegra e dá coragem de prosseguir a nossa Obra.

Uma criança indefesa e frágil, que pede acolhimento e protecção aos pais e à sociedade. Criança que se apresenta sempre da mesma forma, como um ser frágil, inocente e de coração puro, neste Mundo que ameaça o seu futuro.

É certo que a sociedade de amanhã depende da maneira como hoje se prepararem os seus filhos, para que tenham uma educação adequada para enfrentar a problemática da vida e da Humanidade.

BOTAS DE FUTEBOL — Como responsável do sector desportivo venho pedir algumas botas de futebol para as nossas equipas. São rapazes dos 14 aos 20 anos.

RÁDIOS — Algumas camaratas têm os seus rádios estragados! Se houver por aí alguns, mesmo que não sejam novos, agradecemos antecipadamente.

Pedro

Paço de Sousa

FUTEBOL — Esteve entre nós um grupo de amigos de Paços de Brandão, que aproveitaram deslocar-se à nossa Aldeia para um encontro de futebol que decorreu da melhor forma, pois ganhámos por 4-0.

Para todos os amigos «Flechas», o nosso obrigado.

MAGUSTO — É hábito, por esta altura, fazermos o tradicional magusto, este ano um pouco mais atrasado em relação aos anteriores, por vários motivos, e a festa nem por isso deixou de ser alegre. A Comunidade dividiu-se em grupos, pelas residências a que pertencem. Começou a festa das fogueiras, depois o assar das castanhas, sendo uma alegria vê-las rebentar pelos ares e, às vezes, a baterem na cara de uns e outros!

Esperamos que todas as outras festas que se aproximam, tenham o mesmo gosto e o sentido de responsabilidade que cada um de nós deve sentir para que estes convívios sejam, na verdade, uma festa.

NATAL — Está quase à porta uma das maiores festas do ano litúrgico: o Natal!

É sempre esperado como um dia diferente e alegre, devido às próprias cerimónias do acontecimento.

Nesta altura, é lógico levarmos o nosso pensamento um pouco mais

longe, àqueles irmãos nossos que não festejam o Natal devido a razões várias e, por isso, nem dele se apercebem.

Esperamos que, neste Natal de 1982, a estrela divina nos conduza a Belém, para juntos agradecermos a Deus todo o amor por nós e pelos nossos irmãos que não o podem festejar livremente — e com o mínimo de condições humanas.

OBRAS — O nosso parque de recreio encontra-se em fase de acabamento. Esperamos que, depois das obras terminadas, se possa chamar Parque Infantil — seja mesmo Infantil... — para que os nossos «Batatinhas», e os mais novos, tenham direito ao que lhes foi destinado e preparado.

Aguardamos a compreensão de todos. E vejam o Parque como o melhor brinde do Neca aos mais novos — que bem merecem.

Carlos Alberto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Aquela Viúva — cuja família e amigos arrostam com a construção da sua moradia — é uma mulher calma e discreta, mortificada ao longo da vida. Mas, agora, sofre um período de desânimo, típico nos arraiais da Auto-construção.

— Lá foram acajo 30 notas só pro telhado!...

Tantas quantas depositamos em suas mãos calejadas!

Ela não pede. Não suplica nada! Só os que enveredam pela mendicância forçada ou sofisticada... Um dia, ela desabafou toda a sua dor, em confidência, como se fosse uma oração: «Tenho vergonha de pedir...!» E demos logo a mão para o chapéu da casa — como acto de justiça. O recoveiro dos Pobres é, por natureza, um tapa-furos. Vai até onde os homens se esquecem do direito dos Outros. A dura verdade é que todas as famílias têm direito a um lar, a um tecto; direito natural, cristão, protelado por outras necessidades..., a quem da principal — o Homem, por quem Deus gerou um Filho Redentor de todos e cada um de nós.

— A gente é pobre. Os ordenados dos meus filhos são muito pequeninos. A gente vê-se pra acabar a casa! Faltam as portas e as janelas. Têm de esperar! A gente mortifica-se... mortifica-se...! Não vamos às luxos... S'a gente arranjasse umas portinhas e umas janelas em segunda mão! Mas não; as cousas são muito caras! A gente conta com uma cousa e sai outra...!

Um rosário salpicado de lágrimas recolhidas em um lenço já humedecido — que vamos também procurar secar. Lágrimas santas que a gente topa a cada passo, escondidas do Mundo. Por isso, mais ricas. E o Mundo nem sempre dá fé que «dante da miséria dos nossos Irmãos — como disse Pai Américo — toda a política deve ceder à única política fecunda e verdadeira — a política do Pai-Nossos!»

● Nos últimos dias acudimos a problemas amargos: famílias desfeitas e vítimas inocentes — os filhos! E outros...

Um deles: O homem fugiu de casa na companhia doutra mulher. Deixa a esposa ocupada, que não demora a ter o bebé. Deixa filhos na Escola Primária. Vultoso empréstimo contraído, por ele, em casa bancária — para aquisição da moradia — com prestações em atraso. Um caso muito sério! A mulher, porém, diminuída mental, supomos, conta o calvário de sorriso nos lábios! Uma miséria nunca vem só...

Outro: O marido andava por lá. Perdeu a cabeça... Foi entregue à Justiça. A esposa ainda não o topou. Vítimas inocentes? Os filhos! A vizinhança acudiu, em parto recente. Continua a acudir. Nós, também.

Mais outro: Um deficiente de freguesia vizinha, que tem uma prole numerosa, soube da entrega do veículo de rodas a um doente!

— Ando há muito tempo a ver se consigo um carrito pra me desenterrar...!

É um homem mexido. Desempoeirado. Indicámos o caminho — e vamos ajudar.

— Quem me dera uma profissão que s'ajeite ao meu estado!...

Até neste particular fornecemos pistas.

— Vou já pôr-me a caminho...

Ensinamos a pescar. Se possível e urgente, cedemos a cana. Depois, a pesca é com eles. Respeitamos a dignidade do Pobre. Tentamos a promoção social em todo o sentido.

Ainda mais outro: É uma diminuída mental que os pais alijaram cruelmente..., depois recolhida em um estabelecimento de recuperação. Agora, regressa para um irmão carnal, de bons sentimentos. Face ao estado da doente, e porque é solteira, o novo tutor precisa de ajuda. Sugere a obtenção de um subsídio previsto na lei. Abordámos uma assistente social, da nossa consideração, que faz da sua profissão um verdadeiro sacerdócio. O problema fica em boas mãos!

Finalmente: Um doente incurável (bombeiro voluntário no quadro honorário...), que visitamos regularmente no leito-purgatório, volta a perorar façamos nossa a sua angústia pelo impasse (ou «jogo do empurrar»?) no deferimento da pensão suplementar por grande invalidez requerida em Dezembro do ano passado!!!

Já não havia outro rumo senão abordar, por carta documentada, o respectivo Secretário de Estado, na medida em que será útil tomar conhecimento do problema, directamente por humildes recoveiros dos Pobres — sem qualquer outra procuração, sublinhámos.

Se, desta feita, tudo permanecer na mesma, melhor será o legislador decretar as referidas prestações suplementares post mortem...!

PARTILHA — Pela mão de Maria, 1.000\$00 «por alma de Fernando» — entregues no Espelho da Moda, o nosso Depósito no centro do Porto. Marinha Grande: 4.500\$00 de «Uma Mãe e Avó muito angustiada» para um caso referido nesta coluna. Ora

aqui está o remédio cristão para a nossa angústia: aliviar a dos Outros! Bombarral: Uma remessa tão jeitosa, tão amorosa, tão prestável! Carviçais: «O meu contributo (500\$00) para acorrerem ao que for necessário»; acrescentando este Amigo: «quero pedir a todos que roguem ao Senhor misericórdia para um infeliz pecador». Oh súplica!, extensiva a todos nós... Santarém: 300\$00 em vale de correio. Parede: Vultoso cheque para um caso resolvido (temos, porém, outro à bioa...) pedindo «orações pelas minhas intenções, em especial pelas almas dos meus familiares» — que não esqueçamos, em grupo. Coimbra e Viana do Castelo: Cartas riquíssimas de Mensagem, num dar de mãos ao seminarista cujo pai não tem possibilidades de arcar com a despesa. Esclareçamos, no entanto, que já veio o necessário para dois trimestres.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

BEIRE

SILÓ — O nosso siló, agora, está em obras porque o vento deitava as chapas abaixo, e já as compusemos umas poucas de vezes.

O sr. Padre Baptista teve que man-

dar vir uma placa nova, de cimento, para ver se aguenta mais.

PORGOS — Hais uma ninhada de porquinhos. Que lindos que eles são! A mãe já matou dois... É pena!

FRUTA — Ainda continuam a vir muitos fregueses comprar fruta e o pomar continua cheio dela, no chão. É pena estragar-se! Portanto, pedimos que venham mais fregueses. O nosso portão está sempre aberto!

OBRAS — Eu continuo a falar em obras!

Vamos pôr paralelos na nossa meia lua. Já se tiraram de lá alguns centímetros de terra.

Mais uns dias bons, de trabalho duro! Depois do trabalhinho feito, até dará gosto passar por lá!

VACARIA — Continuamos a ter vacas com crias nascidas.

Morreram vacas, boas de leite! Uma foi com as cadeias apertadas; estava cheia, portanto, foi cria e tudo. A outra tinha caído à vala antes de ter a cria; ficou pisada, ganhou infeção e acabou por morrer também, mas a cria salvou-se. Uma outra, ainda, que teve duas vitelhinhas já mortas! Que grande prejuízo!

Temos que pedir a Deus não aconteça mais nada...

«Palhaço»

Setúbal

Cont. da 1.ª página

Jesus apontou para quem O quer seguir de perto. Tudo o resto é fixão.

Os outros poderão casar, criar filhos, realizar empreendimentos, crescer e amadurecer na experiência e na vida.

Mas, quem quiser seguir Jesus de perto, não tem alternativa. Só se realiza dando-se àqueles que necessitam da sua vida.

«As Senhoras do Gaiato» não precisam de hábitos, exalando dignidade religiosa da cabeça aos pés; não têm nome nem votos nem congregação; não têm dinheiro nem categoria social ou eclesiástica. São pobres; servas; às vezes escravas — mães dos Pobres.

Há dias, o meu «Té» — que foi muito tempo o mais pequenino — veio ralhar-me. «A sua mãe» deixou, há quase dois anos, a nossa Casa e refugiou-se num convento em Espanha. Dizia-me ele zangado:

— Tu nunca me levas à Espanha ver a minha mãe. Qualquer dia fujo e vou vê-la!

— Então vai — disse-lhe eu. E como vais? É tão longe!...

— Vou no vento — retorquiu, abrindo os braços e piscando os olhos, como quem mergulha no sonho em busca da realidade!...

Outras vezes encontro-o, nos cantos, sozinho a chorar. Agora já não pergunto para não avivar a minha ferida. Já sei. A sua resposta é sempre a mesma: — Choro pela minha mãe!

Se dar de comer a quem tem fome, e vestir quem anda nu, merece o convite eterno e definitivo — «vem bendita de Meu Pai possuir o Reino» — como não há-de ser expressivo e grandioso o Rosto de Jesus ao gritar na hora derradeira?: «Eu era abandonado e tu foste a Minha mãe. Eu estava condenado pelos homens ao desequilíbrio afectivo, que Me levaria à escravatura social, ao degredo das prisões, à marginalidade corrente e o teu amor de mãe foi a Minha salvação!...»

Padre Acílio

OS LIVROS DE PAI AMÉRICO

Prenda de NATAL

Nos últimos dias, vários Amigos, pela sua vida atarefada, resolveram pegar no telefone — em vez da caneta — para nos encomendar livros de Pai Américo, do Pão dos Pobres ao Doutrina, do Barredo ao Isto é a Casa do Gaiato!

Um, do Porto, deu o mote: — Vem aí o Natal... As obras de Pai Américo são lembranças oportunas. Mandem-me os livros..., pelo correio, para oferecer a... como prenda de Natal.

E mais outros, doutras bandas, quiçá pelo mesmo motivo. Não falando, já, dos que aproveitam também o telefone para saberem a posição da assinatura, actualizarem endereços ou indicarem novos assinantes de O GAIATO. O progresso em acção!

A revolução espiritual que as obras lançadas pela nossa Editorial produzem na alma dos leitores, leva-os a preocupar-se — na quadra festiva que se aproxima — por gente das suas relações! Em vez de futilidades, avançam com algo de transcendente, motivados por séria reflexão, por **alfinetadas** (expressão de um leitor!) que os livros proporcionam a cada um de nós.

O Natal está à porta! E já que as obras de Pai Américo são presentes de valia, como é óbvio — pelos valores do Espírito, pelo Evangelho do Pobre — à laia de aperitivo va-

mos transcrever uma significativa nota, por ele escrita nos finais da década de 30, inserida no 2.º volume do Pão dos Pobres — com marca de Eternidade:

«Aqui me tens hoje à porta, o mesmo dos mais anos, a pedir o Natal dos Pobres nesta Sopa de muito esmero, para dar bom paladar a todos quantos a lerem.

(...) Vê e medita, através do Evangelho, o Pobre Divino mal-la bendita Pobreza, comendo, com simplicidade, espigas no campo e peixe na praia; vestindo a túnica que a glória de Deus transfigura no Tabor e os soldados disputam no Gólgota; aceitando abrigo em muitas casas, hóspede em todas elas, porque peregrino no Mundo.

Pobre no comer, pobre no vestir, pobre no viver. Assim convinha que fosse Aquele que o Pai Celeste mandou evangelizar os Pobres; assim foi e assim é.

Este pensamento bem ruminado e bem saboreado, há-de abrir as tuas portas ao Pobre...; pois se ele, o mesmíssimo pensamento tem apaixonado multidões numa epopeia de vinte séculos, moça, actual, vigorosa; tem seduzido gente sem conta, a largar os pais, os irmãos, os campos, as fortunas; tem arrastado enamorados que se ocupam da vida dos Pobres e do bem da pobreza; tem, finalmente, retido inú-

meros prisioneiros em suas casas, no meio de suas riquezas, mais pela necessidade de bem as distribuir do que pelo prazer de as gozar — hoje como ontem e sempre — apaixonados, enamorados da Altíssima Pobreza do Pobre de Nazaré.

Este mesmo pensamento há-de fazer também, este ano, à moda dos mais, a consoada dos nossos Pobres em suas casas e dos nossos doentes nos hospitais.

Eu entrarei na casa de cada um com os poderes da tua procuração e colocarei no regaço de cada família, em teu nome e como se próprio foras, a moeda de prata, o cobertor de lã, o lençol em meio

uso, o mimo da despensa, a garrafa do azeite, a alegria da visita, a palavra de simpatia, o desejo de ano feliz.

Entrarei, outrossim, nos hospitais com os mesmos poderes e na presença dos seus habitantes darei a cada um deles o retalho de flanela de lã, daquela que tu mais gostares, que é também a cor de que o Pobre mais gosta.

Não há-de faltar o bolo da festa, nem a ceirita dos figos nem o cartucho de açúcar nem o agasalho de lã para aqueles dos Lázarus que têm no Mundo a missão de tossir e de esperar a morte.

Eu hei-de tocar com as mi-nhas, as mãos de cada doente,

dar-lhes recados de teu mando, desejar-lhes as Boas Festas em teu nome, chorar contigo, ao pé de cada uma das camas, a ausência e a distância das famílias. E no fim de tudo, hei-de botar o pão miúdos da tinha e comer com eles as sobras da consoada!»

As senhoras e senhores não percam tempo! Aproveitem a ocasião de obsequiar amigos e familiares, em função da quadra que se avizinha. E, assim, no recato familiar, possam eles compartilhar também de uma leitura que, na verdade, «faz das pedras filhos de Abraão»!

Júlio Mendes

Cont. da 1.ª página

vões e lugares comuns, como se as questões se resolvessem com meras palavras. Muitos prometem o impossível e afirmam ter na manga as chaves certas para resolver todas as dificuldades ou questões, incluindo a descoberta da pedra filosofal...

Diz o bom Povo português que quem muito fala pouco acerta. A parcimónia, também neste capítulo, não ficará mal a ninguém, a começar pelos homens mais responsáveis. Depois, ao tratar dum assunto qualquer, requer-se estudo, penetração e muita humildade. Os sábios a granel, à maneira de **magister dixit**, prestam um mau serviço à Comunidade e geram autêntica desorientação cívica e cultural, com manifesto prejuízo do colectivo.

AQUI LISBOA!

Acresce a isto tudo uma falta de sentido de diálogo que confrange. Nós é que sabemos e somos; os outros só dizem e fazem disparates. Com frequência discutem-se pessoas e não ideias. Um masoquismo feroz ou o querer sobrepor a razão da força à força da razão são meios a utilizar ou objectivos a atingir. As divisões surgem e os ódios alimentam-se entre grupos ou pessoas, às vezes da mesma família.

Resolver os dramas ou problemas individuais ou societários pouco interessa ou significa. Congraçar esforços, pon-do em comum as capacidades ou dons singulares ou grupais, não convém. O bem feito por outros tem de ser mal porque não somos dele fautores ou origem. Há sempre que opor um mas ou um se...

Com tanta verborreia e ignorância à mistura não admiram os resultados. Entretanto, problemas cadentes continuam por encontrar respostas justas e adequadas, senão óptimas, pelo menos boas ou razoáveis, dentro da modéstia inquestionável dos nossos recursos concretos.

Finalmente, não podemos perder de vista que todo o pensamento deve ter em vista o bem real do Homem, seja por que prisma se considere, espiritual ou material, tornando-o «mais homem». Non verba sed res é, no mínimo, aquilo que se pode e deve pedir, por outro lado, porque meras palavras leva-as o vento...

■ Como já aqui afirmámos a venda de O GAIATO vai ser progressivamente eliminada das ruas de Lisboa, ficando apenas aquela que se realiza às portas das igrejas da Capital, ao domingo, de quinze em quinze dias. As pessoas que têm perguntado como adquirir o nosso jornal aconselhamos que remetam os respectivos nomes e endereços para os locais apontados no último número, nomeadamente para esta Casa do Gaiato, sita em Santo Antão do Tojal — 2670 Loures — Telef. 9849019.

Padre Luiz

TEMPOS LIVRES

Cont. da 1.ª página

Estes tempos de convívio são importantes, diria mesmo: sagrados; não são para dissipar levemente, porque tempos livres, seguindo um conceito falso de liberdade.

A outra meta visa a facilitação de um enriquecimento pessoal no corpo e no espírito; e tem relação profunda com a cultura. A cultura física que práticas desportivas, sem a tónica posta na competição, devem proporcionar; e a cultura espiritual que fomenta no homem a necessidade de pensar e de saber, que lhe desperte a fome de beleza e assim o mova a procurar na reflexão, na leitura, no diálogo, nos passeios, nas mais variadas manifestações de arte, a satisfação desses saudáveis anseios tão próprios do espírito humano.

Ora a verdade — temos de o confessar — é que, para a maioria das nossas gentes, os tempos livres são mais ocasião de desperdício do que de valorização física e espiritual. Por um lado faltam as estruturas e a organização de práticas desportivas que mobilizem as pessoas, especialmente

os jovens, à acção e os não deixem meros espectadores de vinte e dois homens em campo (quase sempre...). Também estas modalidades têm o seu lugar como espectáculo que, infelizmente, mais por excepção do que por regra, é portador de beleza e dignidade.

Por outro lado a nossa Escola quase só se ocupa (que ao menos neste ponto seja bem sucedida!) em ensinar, sem preocupação de educar, de cultivar. De modo que, mesmo entre os que têm letras, é raro encontrar os motivados para aquelas acções que são fruto da cultura e alimento para maior cultura: reflectir, ler, conversar, passear, frequentar museus, exposições, espectáculos de qualidade... Que poderemos dizer, na generalidade, dos que não têm letras?!

Por isso, tão frequentemente se assiste, com mágoa, a um decorrer de tempos livres, quantas vezes passados em tédio, sem se saber em que os ocupar; e se ouve, no fim de tais períodos, um enfatiado «nunca mais é sábado»!

Temos, pois, que a reivindicação de tempos livres tem de ser ponderada por estas realidades condicionantes. E

mesmo a nível da Europa onde, não apenas no mundo da Economia mas também no da Cultura, existem enormes desigualdades, não se podem afirmar todos os países pelo mesmo padrão. Quando, até em nações onde o nível cultural, tanto no domínio do físico como do espiritual, é mais elevado, este problema é sentido e constitui preocupação grave! — o que particularmente me impressionou na leitura — sugestão deste meu discorrer.

Quanto a nós, me parece que o mais urgente é aspirar menos e trabalhar mais. Aspirarmos, sim, a tudo o que signifique e produza o adensamento das virtudes familiares (no que, talvez, não estejamos em pior posição relativamente a outros Povos do nosso Continente). E dar-mo-nos, de alma e coração, a semear aspiração de pensar e de saber e de beleza no espírito da nossa gente, especialmente da nossa gente moça.

Depois, venham em força os tempos livres que também foram criados e são queridos por Deus.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

● «Que farturinha!» — ouvi exclamar no dia em que começaram a funcionar cinco salas de aula com os respectivos professores, na nossa Escola Primária.

Mesmo que inesperada nesta altura, a notícia e a presença de duas novas professoras vieram ao encontro das nossas necessidades — já há muito e por várias vezes expostas a quem de direito.

Há muito que andávamos a expor a necessidade de um professor para cada classe e a exigirmos mais atenção burocrática para aqueles que começam tarde ou que não têm capacidade e chegam aos 14 e 15 anos sem a 4.ª classe e assim ficam para toda a vida.

Esta esperança que agora apareceu para nós, e para ou-

tras Casas de ambientes humanos semelhantes, veio dar resposta a muitos males, esperança que esperamos seja remédio, assim alunos e professores se esforcem para conseguirem o bom resultado.

Naquele dia, ao passar por cada uma das salas, alegrei-me interiormente ao ver o aconchego de professores e alunos e louvei o Senhor pelo bem que todos desejamos fazer.

● Catequese. Também organizámos a Catequese. Cinco professores em outras tantas salas de aula e cinco catequistas numa mesma sala em dias diferentes. Pão intelectual e pão espiritual. O pão do corpo sem o pão da alma não mata estas fomes.

Cont. na 4.ª página

● É um grupo especial, este de que vou falar. Seus elementos são quebra-cabeças onde quer que estejam e para quem quer que seja. Rapazes difíceis! «Ferreirinha» encanta toda a gente com seus olhos azuis que têm tanto de belo como de malandrice. «Príncipe», assim chamado pelo seu aspecto de menino fino — e refinado.

O Félix é um dos rapazes mais falados dentro e fora da Casa! Em Casa pelas suas asneiras, fora pela sua simpatia e poder de comunicação. Sabe dar minutos de felicidade e até de enlevo d'alma a pessoas estranhas à sua vida, e horas e horas amargas e tristes a quem lhe está afecto! Estranho e íntimo, ao mesmo tempo. Misterioso..., cativa sem se deixar cativar. Quem o cativará, finalmente? Nós ou os outros?... É difícil... É verdade.

O «Vinte e seis» não engana! Rapaz da rua dos pés à cabeça. Corajoso, fugitivo e solitário. Acompanha bem os da sua cor — os mais tentados por suas fraquezas. Foge das obrigações. Corre para não ser olhado. As vezes apetece segurá-lo e senti-lo pertinho de nós, qual passarinho assustado nas mãos de uma criança!... Na Escola Primária e na sapataria ao lado do Vasco, ganha e faz ganhar cabelos brancos. São pontos dum lado e pontos do outro! E a nossa Casa é dele, por ele e para ele. Ele é nosso! Lembrou-me do dia da sua chegada aqui. Mal chegou, pediu um arco e não parou mais de correr. Indiferente a tudo o que o rodeava. Habitado a correr e a ser corrido, nada e ninguém o impressionava. Apenas o arco a saltar pelo chão lhe dava espaço para ele acreditar que, a partir daquele momento, começava a existir aqui. Ainda hoje, quando oiço o barulho dos arcos, me lembro do «Vinte e seis»! E quando oiço falar de asneiras lembro-me logo dele, também. E daqueles.

São estes os arcos do nosso triunfo! Com batalhas perdi-

das..., sempre confiando na vitória. Oh! meu Deus, sem Ti nada era possível! Por Ti, as derrotas são pontos de apoio para ganhar... A nossa Fé é tão pequenina! Aumenta-a! Para que eles ganhem... Eles são nossos. Os mais difíceis. Os mais abandonados. O mais necessitados!

● O «Periquito» veio passar férias de Verão aqui. P.e Duarte assim pediu e ele assim entendeu. Férias! Uma palavra simples que cheira a flores, a felicidade, a festa. O fim das férias liga-nos de novo a todas as obrigações do dia-a-dia. E a tudo o que é nosso.

O «Periquito» passou férias na praia e no campo. Isto é um luxo! Teve as suas ocupações normais, como é natural, aqui em Casa. Não deu problemas a ninguém: amigo de todos. Acabadas as férias, pergunta: «Quando volto para Lamego?» Sendo-lhe dito que as férias eram para continuar, até sempre, ele ficou triste e não aceitou bem. É a verdade! Ele tem a sua razão. As férias têm um fim! A partir daqui, o «Periquito» vem queixar-se de muitas doenças. Que lhe dói a garganta, o peito, que sente os pulmões frios, etc. Já tentou fugir. E até já foi ao médico!

— Olha, «Periquito» — disse-lhe — o que tu tens é a doença das saudades de Lamego...

Sorriu e compreendeu que eu o compreendi. Melhorou. Os «pulmões frios» começam a aceitar o bafo quente da nossa vida. É o remédio contra tantos cancos e doenças da alma de muitos deles. A frieza da sua vida é a doença maior. As outras vêm por acréscimo. Só o Amor as curará!

Padre Moura

Cantinho das Senhoras

Correu bem o vosso Retiro. Em alegria e paz. Feliz convívio entre todas. Ficou mais vivo o sentido de família. Também, todas mais conscientes da grande importância do vosso papel de mães para que a vossa grande família se realize em plenitude.

Mães e servas! A verdadeira mãe é a maior serva — serva de todos — dentro do seu lar. Notai: A mãe verdadeira, dentro da sua casa, realiza todos os trabalhos com alegria.

Conquistai a alegria! Digo conquista porque exige luta, dores e um grande poder de aceitação de todos os Outros.

Aceitar, tolerar e perdoar! A aceitação dos Outros é um tesouro tão grande e valioso! Assim nós o saibamos encontrar e aproveitar.

□ O ano lectivo traz alterações nos faxinas. Somos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Ninguém está isento de prestar o seu pequeno ou grande contributo no serviço doméstico à Comunidade. Dinâmica pedagógica nascida com a própria Obra da Rua. É a cozinha. O refeitório. As residências. Os terreiros. As avenidas. E as oficinas, também.

Na tipografia, o problema da limpeza é sempre um caso sério pela inflação de papéis, tintas, desperdícios...! Com a agravante de não ser fácil a habitação à ordem, à higiene, para quem vem do lixo das ruas. Exemplo: Apesar das constantes recomendações, nem sempre o papel inutilizado é posto nos recipientes, qual sobrecarga (além do mais...) para o pobre faxina!

A limpeza da oficina, durante parte do ano, foi da alçada do «Janota», molengãozinho, que, a meio da tarde, antes da merenda, gostava de espreitar a cozinha, a padaria... — em prejuízo da sua obrigação. Depois, vem o Benjamim, mocito delicado, pouco expansivo, mas sem estofos para a acção. Fazia o que podia e não exigíamos mais.

Quando se apresentou ao serviço, recomendámos fizesse melhor do que o antecessor. Tentou. Não conseguiu! Nem todos sentem o dever moral de aliviar a carga aos irmãos...!

Ora bem; sem nos consultar, Benjamim reflecte, à sua moda, na incapacidade. E conversa amigo «Rato», faxina da casa 1 — primeira residência da nossa Aldeia. As restantes seguiram a ordem cronológica, na gira comunitária. E assim vêm de geração em geração! Recentemente, Benjamim não

aparece à hora marcada, na oficina. Surge, porém, o «Rato», d'ar muito sério, com a explicação:

— Agora, sou eu que venho fazer a limpeza práqui...

Além do pequeno trabalho na casa 1, ele é um sacristão-zito cumpridor. Que o digam os nossos Padres.

— Mas quem ordenou a mudança!

Emudece. Respira fundo. A assembleia cresce!...

— Diz lá: quem ordenou a mudança!

Toma fôlego. E dispara:

— Venho práqui porque o Benjamim disse que falou consigo... Quer mudar... E a gente trocámos: ele fica com a minha obrigação, eu venho prá tipografia...

— Vai chamar o Benjamim...

Até pela mentirinha piedosa, para nós é um caso insólito! Tanto assim, que não resistimos a transmiti-lo a Padre Telmo com certa ironia. Também ele reconhecendo o lado negativo e positivo da questão:

— Deixemos o «Rato» tomar conta da limpeza. Mas convém chamar à ordem o Benjamim... O «Rato» pode ser mais despachado, dar melhor conta do serviço.

Assim tem acontecido! São mais dóceis os gatos e as ratoeiras da tipografia, do que os (inquilinos) da casa 1...!?

No entanto, pela cara que mostra, Benjamim parece agora mais realizado! «O trabalho deles, querido por eles, é a extinção lenta e sadia dos defeitos morais que os afligem»...

□ O telefone toca muitas vezes ao dia, por recados, SOS...

— Aqui é do Centro de Segurança Social... Vai falar F., assistente social.

Previmos uma súplica por mor de um Inocente cujos pais se demitiram das suas responsabilidades ou, então, seria por mor de mais uma vítima de outras carências do Mundo.

— (...) Tenho em mãos um problema gravíssimo, muito difícil! Só a vossa Obra poderia

Quereria pedir-vos, no final deste Cantinho, que por nada deste mundo percais o entusiasmo! Sem entusiasmo quotidiano nossos passos ficarão empapados no pó.

Entusiasmo para cada dia! Ele despertará nos Outros a alegria de estar e de viver.

Que o Senhor nos ajude!

Padre Telmo

Júlio Mendes

Tribuna de Coimbra

Cont. da 3.ª página

Preparámos novas salas de aula e procurámos melhorar também a sala de Catequese, que queremos faça parte do nosso coração.

Com a família humana desejamos formar também uma família cristã. Família cristã que seja alfobre de outras famílias. Desejamos não estancar a Vida!

Que bom e consolador seria que estes nossos filhos se considerassem sempre bons filhos de uma Obra que os ajudou a serem, também, filhos de Deus!

Padre Horácio



Gaiato

Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa